

Definida divisão do maior grupo editorial da Itália

MARIELZA AUGELLI
Correspondente

ROMA — Depois de 17 meses de batalhas financeiras e judiciais pela disputa do controle acionário do maior conglomerado do setor editorial italiano — o Grupo Mondadori-L'Espresso —, finalmente, nas primeiras horas da manhã de ontem, os dois grandes empresários da Itália Carlo De Benedetti e Silvio Berlusconi assinaram o tratado de paz.

Responsáveis pela guerra que envolvia a posse da empresa editorial, De Benedetti e Berlusconi chegaram a um acordo de separação do grupo, após terem dado entrada em dez ações na Justiça e de terem feito um apelo de mediação a um terceiro empresário, Giuseppe Ciarrapico, que presidiu reuniões intermináveis, durante as duas últimas semanas, que acabavam às 4 da madrugada com um seco “decisão adiada para amanhã”.

A paz foi decretada com a divisão do Grupo Arnoldo Mondadori-L'Espresso, unido em uma joint-venture desde de abril de 89. Carlo De Benedetti e Silvio Berlusconi conseguiram dividir os bens da Mondadori-L'Espresso com resultados positivos para ambos.

“O acordo dá aos dois grupos a oportunidade de desenvolvimento autônomo e de segurança acionária de que precisávamos”, afirmou o presidente da Olivetti, ontem pela manhã em entrevista coletiva. Ele procurou desmentir versões de que sairia perdendo, como punição às decisões hegemônicas que tomara dentro do grupo.

DIVISÃO

A separação do Grupo Mondadori-L'Espresso, herdado pelos primos Luca Formenton e Leonardo Mondadori, do próprio Arnoldo Mondadori — hoje com um faturamento de 2,4 trilhões de liras (ou US\$ 2,2 bilhões) e 8.000 empregados — é a seguinte: para os primos Formenton-Mondadori e Silvio Berlusconi, aliado dos primos desde quando começaram as primeiras brigas contra De Benedetti e

sua fúria de investimentos dentro do grupo editorial, compreenderá a chamada Mondadori clássica, controlada pela financeira Amef, que inclui a edição de livros e revistas mensais como **Grazia**, **Marie Claire**, **Donna Moderna**, além da semanal **Panorama**, e 50% da empresa publicitária e editorial Manzoni.

Carlo De Benedetti e a sua financeira Cir, com os aliados Carlo Carracciolo e Eugenio Scalfari (diretores do diário **La Repubblica**), ficarão com o grupo editorial L'Espresso, que inclui, além do jornal e a revista semanal **L'Espresso**, a empresa Finegil, com outros 15 jornais regionais. Mais: 50% da empresa publicitária Manzoni e ainda a fábrica de papel Ascoli que, na verdade, não está pronta, mas tem uma patrimônio avaliado em 170 bilhões de liras — ou US\$ 150 milhões.

DIVERGÊNCIAS

Segundo o acordo assinado ontem, Carlo De Benedetti deverá pagar ao Grupo Fininvest, de Berlusconi, cerca de 185 bilhões de liras (US\$ 154 milhões), para completar a transação de milhões de ações vendidas de um para outro grupo majoritário. E foi exatamente esse total que causou uma semana de discussão a mais, depois que a divisão dos bens já fora feita. É que, até ontem, De Benedetti se recusava a pagar mais do que 150 bilhões de liras, enquanto Berlusconi dizia não abrir mão do pagamento de 190 bilhões de lira na assinatura do acordo.

Além desse ponto de discórdia, Silvio Berlusconi exigia que se escrevesse, no preâmbulo do acordo, que sua decisão de vender o grupo L'Espresso estava ligada à nova lei antitruste, que regulamentava a concessão de canais de televisão na Itália. Segundo essa lei, quem tem mais de três redes de televisão (o caso de Silvio Berlusconi, proprietário das redes, **Itália Uno**, **Retteteatro** e **Canale 5**) não pode ser proprietário de jornais. Exigência não concedida porque, segundo o Grupo De Benedetti, a questão não interessa às duas partes.

MUDANÇAS

O Grupo L'Espresso fora comprado em abril de 89, por 450 bilhões de liras (US\$ 430 milhões) e, desde então, as famílias Mondadori, Formenton, De Benedetti e Berlusconi passaram a não se entender. A separação, contudo, é bem recebida por todos. Os primos herdeiros de Arnoldo Mondadori, Luca Formenton e Leonardo Mondadori, voltam à direção da editora, ainda a número um do mercado editorial italiano, com 30% do bolo do setor e cerca de 1,5 trilhão de liras (US\$ 1,3 bilhão) de faturamento, com o respaldo do Grupo Fininvest, de Silvio Berlusconi.

Para Silvio Berlusconi, a manutenção da Mondadori — e seus 1 trilhão de liras de faturamento (US\$ 900 milhões), ao lado do consolidado império de comunicação, vai levá-lo ao terceiro lugar em toda Europa no setor, com 6,6 trilhões de liras de faturamento (US\$ 6,4 bilhões). O chamado rei da emissora de tevê privada na Itália só perde, agora, para o grupo alemão Bertelsman e o francês Hachette.

FESTA

Já Carlo De Benedetti e sua financeira dirigirão 16% do mercado dos diários na Itália, com **La Repubblica** e os 15 jornais da empresa Finegil ocupando o segundo lugar no setor, depois do Grupo Rizzoli-Corriere della Sera, com os jornais **Corriere della Sera** e **Gazzetta dello Sport**.

Na sede do jornal **La Repubblica**, a festa é grande. O diretor Eugenio Scalfari poderá voltar a fazer seus editoriais contra Silvio Berlusconi sem nenhum problema. E para a revista semanal **L'Espresso**, a separação significará enfrentar a concorrência, agora real, do outro semanário italiano mais vendido na Península, **Panorama**, que ficou no pacote de Berlusconi. Para os primos Formenton e Mondadori, só resta retomar o trabalho, interrompido há um ano e cinco meses, quando a briga começou.